
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Pedro Corrêa do Lago | Foto: Ares Soares/[Unifor](#)

História em imagens – Resenha de *Iconografia Baiana na coleção Flávia e Frank Abubakir*, organizado por Pedro Corrêa do Lago

Lais Glória Correia Nascimento (UFS)

Resumo: *Iconografia Baiana na coleção Flávia e Frank Abubakir*, organizado por Pedro Corrêa do Lago, busca divulgar a história da Bahia por meio de imagens raras. Apresenta problemas de critério ao destacar determinadas obras, mas apresenta curadoria rigorosa, qualidade editorial e contribuição à memória visual baiana.

Palavras-chave: iconografia; fotografia; história da Bahia; Instituto Flávia Abubakir.

O livro *Iconografia Baiana na coleção Flávia e Frank Abubakir*, lançado em Salvador no dia 3 de dezembro de 2024 pela editora Capivara, é um catálogo organizado por Pedro Corrêa do Lago, constituído por um conjunto de obras visuais e documentos raros, que contemplam 269 imagens selecionadas, pertencentes à Coleção do Instituto Flávia Abubakir (IFA). As imagens retratam a geografia, lugares, episódios históricos e costumes na cidade Salvador e na Bahia, entre os séculos XVII e XIX. A obra tem o objetivo de compartilhar com os leitores elementos relevantes da história da Bahia, nos mais variados aspectos.



Pedro Correia Lago tem experiência na escrita e curadoria de história da arte, tendo publicado mais de duas dezenas de livros. É também o proprietário da editora Capivara, responsável pela publicação de obras de pintores e viajantes, e editor da *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Seu livro se inicia com notas de personalidades locais e prefácio de Pedro Corrêa do Lago, valorizando coleções particulares e o papel do colecionador na preservação histórica. A introdução aponta mudanças territoriais relevantes na história baiana. Sete autores, entre historiadores, arquitetos e curadores, abordam aspectos diversos do patrimônio artístico e documental da região. Com coordenação editorial e

cultural especializada, o volume busca democratizar o acesso ao conhecimento histórico por meio da arte, imagem e memória da primeira capital do Brasil.

Estruturalmente, a obra está dividida em oito seções que ordenam o material cronologicamente durante as principais explanações. A primeira seção, dedicada exclusivamente a pinturas em que foi utilizada a clássica técnica da tinta a óleo, é composta por 22 telas da autoria de artistas estrangeiros e nacionais, tais como o espanhol Miguel Navarro y Cañizares e o brasileiro Francisco Rodrigues Nunes. Nela, destacam-se os trabalhos do francês François-René Moreaux, Joseph Léon Righini, o suíço Abraham-Louis Buvelot, o austríaco Joseph Selleny e o francês Jean-Baptiste Grenier. Diferente da temática mais recorrente na Bahia daquele período, que era a sacra ou religiosa, o tema predominante é tratado a partir de vistas panorâmicas, marinhas à beira-mar, paisagens urbanas e naturais com cenas do cotidiano de seus habitantes e trabalho dos negros. Embora tenham sido selecionados três retratos, somos convidados a fazer um “passeio pitoresco aos arredores de Salvador” (p. 22) em sua natureza quase impenetrável. O objetivo é o de ampliar nosso escopo intelectual, argumentando a partir do expressivo legado iconográfico que essas imagens trazem, não sendo possível negar, de fato, a sua magnitude.

O conjunto da segunda sessão também é formado por 22 peças, produzidas entre o século XVIII/XIX. Os artistas que assinam esses desenhos e guaches foram os franceses Jean-Frédéric Bosset de Luze e Jean Leon Pallière; os ingleses William Smyth, Emeric Essex Vidal e Thomas Colman Dibdin; Manley Hall Dixon; Thomas Lyde Hornbrook; Franz Lané; J. E. M.; J. V. Adam; E.G. Müller; W. P. R. e Friedrich Hagedorn. A presença predominante de estrangeiros, sobretudo ingleses e militares no desenvolvimento da técnica aguada sobre papel, que tem sua razão de ser, é prontamente esclarecida. Ela se deve a uma tradição estabelecida entre os cultores ingleses dessa arte desde o início do século XIX e à formação básica do Exército e Marinha em países da Europa.

A terceira seção é constituída por oito unidades de *sketchbooks* do século XIX. Entre os autores, além de um anônimo, somos contemplados com os cadernos de desenhos e aquarelas dos artistas franceses Louis Apollinaire Wouters, Édouard Quesnel e Jean-Baptiste Grenier, dos ingleses William Smyth, J. Terry e Thomas B. Cook, e do alemão

Adolf von Raimondi. No período em que essas peças únicas foram produzidas, o Brasil recebia um acentuado fluxo de estrangeiros, tendo em vista a transferência da Família Real para a colônia. Essa produção, no entanto, avança ao ponto de também nos depararmos com cenas da época republicana. Para esses registros, feitos através de gestos rápidos, como em um esboço, foram utilizados não só a ferramenta do lápis como também bicos de pena. Esses instrumentos deram “vida” ao trânsito das embarcações na capital, à migração de pessoas rumo à Bahia, ao comércio local, às celebrações de rua, assim como à flora e fauna.

Um conjunto de nove imagens avulsas, ainda no século XIX, compõe a quarta seção. Nela, nos deparamos pela primeira vez com a presença de uma representatividade feminina entre os autores: a viajante inglesa Maria Graham, pintora, historiadora e preceptora dos filhos da imperatriz Maria Leopoldina, que, além de desenhar, também gravou a Igreja de Santo Antônio da Barra durante as duas ocasiões em que esteve no Brasil. Assim como Graham, integram essa lista de artistas Jan de Baen, Ch. Chaplin, André Coffinières de Nordeck e anônimos.

Integram a quinta seção o expressivo quantitativo de quarenta e quatro imagens gravadas entre os séculos XVII e XIX. Sua relação de autores também é extensa, incluindo majoritariamente artistas estrangeiros e a presença do segundo brasileiro citado neste livro: João Francisco Lopes Rodrigues. A principal diferença apresentada entre “avulsas” e “independentes” reside no fato de as primeiras terem sido pensadas inicialmente para compor alguma publicação, jornal, álbum etc., enquanto as segundas atendem apenas à demanda de mercado, para decoração ou propaganda. Essas gravuras, impressas, grande parte em cidades europeias, baseavam-se em desenhos e pinturas de outros profissionais, como Frans Prost, ou em fotografias, como as de Benjamin Mulock. Utilizaram técnicas como calcografia, litografia e xilografia, pigmentadas com tinta preta e, posteriormente, coloridas à mão em alguns casos. Sua temática está relacionada às invasões holandesas em Salvador e costuma ilustrar essa guerra na Bahia, trazendo representações topográficas reais ou idealizadas de todo ou parte do território, assim como perspectivas da baía, panorâmicas da cidade e do recôncavo baiano.

Na sexta seção, nos deparamos com produções do século XVI ao XIX. Exatamente vinte e nove unidades de livros raros da categoria *Brasílica Clássica*, álbuns e atlas, com suas respectivas folhas de rosto, compõem esse segmento. Entre os autores estrangeiros e nacionais das imagens anexadas, destacam-se George Marcgraf e Bento Mealhas, ambos no período das guerras holandesas (1624–1654). As gravuras foram produzidas no contexto da invasão holandesa na Bahia, bem como à jornada dos Vassalos da Coroa Portuguesa, e da História da Companhia das Índias Ocidentais. Elas apresentam cenas do núcleo urbano da capital, fortes, portos, mapas e brasões, além das relações do dia a dia entre os povos que integravam esses espaços, representados através da técnica da gravura em metal.

A sétima seção é composta por cinco peças confeccionadas entre o século XVII e o XVIII, utilizando técnicas de aquarela sobre desenho. Destaca-se uma carta geográfica produzida em 1624 pelo capitão-engenheiro holandês Joos Coecke, descrita pelo professor Pablo Magalhães; uma planta do soteropolitano José Antônio Caldas; uma carta topográfica de Antônio Caldas e Ignácio Lopes; um mapa de autoria desconhecida e uma planta artesanal de Carlos Augusto Weyll. É apresentada ao leitor a importância desse conjunto, que traz registros singulares da invasão neerlandesa e das maneiras pelas quais eram utilizados como instrumentos estratégicos pelos militares. Também se reforça a raridade e precisão dessas medições, especialmente para a cartografia luso-americana.

A última sessão do livro é formada por nove peças cartográficas, oriundas de livros ou resultantes de produções independentes entre os séculos XVI e XVIII. Essas gravuras em metal tiveram uma circulação muito maior que os manuscritos, mais especificamente as representações da Bahia dentro do circuito do Atlântico. Um ponto relevante que também contribuiu nessa disseminação foi a propagação da impressão gráfica. Entre os artistas temos o geógrafo belga Cornelius Wytfliet, com um dos primeiros mapas da América; o cartógrafo Joan Blaeu, com o magnífico mapa mural com representações cartográficas e culturais do Brasil a partir dos estudos do astrônomo Georg Marcgraf; o cartógrafo francês Guillaume Delisle; Isaak Tirion, Jan Luyken e Jacques-Nicolas Bellin.

Embora haja refinamento no trabalho, alguns pontos podem ser aprimorados. Um deles é o critério utilizado para dar um destaque específico a determinada obra; isso não configura uma deficiência, mas um anseio diante da magnitude e dos detalhes que merecem ser apreciados de perto no maior número possível de trabalhos. Muitas obras receberam protagonismo na impressão de duas páginas inteiras, entretanto outras também ficaram de fora. Ainda considerando essa questão, podemos citar como exemplo a tela *Forte São Sebastião*, de Francisco Rodrigues Nunes, o único artista brasileiro e baiano da sessão Quadros a Óleo que não foi evidenciado de forma merecida no miolo do livro, tampouco na capa.

Por outro lado, o valor artístico das obras da Coleção do Instituto Flávia Abubakir por si só já agrega valor a esse exemplar. Além disso, outras virtudes técnicas podem ser destacadas nesse volume. Aquela que primeiro chama a nossa atenção é a qualidade da fotografia. Certamente algumas observações só serão potencialmente percebidas por profissionais da área; no entanto, neste caso, até os olhos mais leigos são capazes de concordar que a capacitação e tratamento editorial de suas imagens, além de bem-feitas, não sofrem alteração na cor e na nitidez, nem mesmo quando têm sua escala de tamanho alterada ou diante de um zoom sob um detalhe específico, preenchendo uma página inteira até atingir sangria, as bordas. Nota-se na diagramação que a distribuição das fotos e textos segue um fluxo dinâmico que contribui para facilitar a leitura textual e visual como um todo, sem torná-la cansativa. É acertada também a escolha da fonte das letras do texto, muito familiar com o tipo utilizado nos padrões das normas brasileiras para trabalhos científicos, embora não seja.

A impressão gráfica segue o mesmo modelo da fotografia, irretocável. A escolha do tipo de papel para as tiragens deste livro também agrega estímulos sensoriais; a superfície lisa e macia do papel inconscientemente aguça a utilização de outros sentidos motores. Assim, durante o toque das folhas, perde-se a percepção de interrupção da leitura ao manuseá-la, potencializando nossa sensação de continuidade. Quanto ao conteúdo, há um cuidado por parte dos autores ao trazerem, no início de cada sessão, uma introdução com um resumo dos pontos mais importantes relacionados a cada técnica, antes da descrição individualizada das obras. Outro detalhe sutil inserido no livro é a incorporação de esboços e fotografias em paralelo à produção final dos artistas, ou seja, estudos ou imagens idênticas do local retratado, contribuindo para a análise iconológica do objeto estudado, como por exemplo na tela *Cachoeira de Paulo Afonso*, de Friedrich Hagedorn, páginas 95–96.

Por fim, *Iconografia Baiana na coleção Flávia e Frank Abubakir* cumpre com a proposta esperada, tanto no quesito histórico quanto no estético, conduzindo o leitor a um maior conhecimento sobre como era essa terra, seus habitantes e hábitos em seus primórdios, sob os olhares daqueles que nela estiveram proporcionando uma experiência contemplativa única e, sobretudo, uma exaltação da memória e identidade dos baianos e soteropolitanos. Sua leitura é recomendada aos amantes da arte, cultura e fotografia, bem como a

colecionadores, investidores, historiadores, pesquisadores, curadores, profissionais de museus e galerias, arquitetos, decoradores, professores e estudantes de artes visuais e história da arte. O catálogo pode ser adquirido fisicamente nas principais livrarias, mas sua versão digital está disponível gratuitamente para consulta e download no site oficial da instituição.

Referências

LATO, Pedro Corrêa do (org.). *Iconografia Baiana na coleção Flávia e Frank Abubakir*. Rio de Janeiro: Capivara, 2024.

Sumário de *Iconografia Baiana*: na coleção Flávia e Frank Abubakir

Apresentação
Frank Geyer Abubakir
Prefácio
Pedro Corrêa do Lago
Introdução
Daniel Rebouças
Autores
Quadros a óleo
Aquarelas
Cadernos de desenhos e de aquarelas (*sketchbooks*)
Desenhos
Gravuras avulsas e gravuras independentes
Livros ilustrados com gravuras e mapas
Mapas manuscritos
Mapas impressos
Bibliografia
Índice onomástico

Resenhista



Laís Glória Correia Nascimento é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), bacharela em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e licencianda em Artes Visuais pela Uninter. ID Currículo LAT*TES: <http://lattes.cnpq.br/4996830148622514>; ID ORCID <https://orcid.org/0009-0006-7717-6735>; E-mail: laisgloriacorreia@gmail.com.

Para citar esta resenha

LAGO, Pedro Corrêa (org.). *Iconografia Baiana*: na coleção Flávia e Frank Abubakir. Rio de Janeiro: Capivara, 2024, 319 p. Resenha de: NASCIMENTO, Laís Glória Correia. História em imagens. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 5, n. 26, p. 28-33, nov./dez., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).